

Sílvio derruba Collor

Ricardo Noblat

O maior obstáculo a uma possível passagem do empresário Sílvio Santos para o segundo turno da eleição presidencial não será o registro da candidatura dele no Tribunal Superior Eleitoral — nem tampouco o reduzido tempo de propaganda eleitoral gratuita que terá no rádio e na televisão. Muito menos a ausência de um programa de governo ou a vinculação que se faz entre ele e as ambições maranhenses do presidente José Sarney.



A classificação de Sílvio para o segundo turno poderá emperrar na dificuldade que enfrentarão os eleitores para votar no candidato-fantasma. Os eleitores em potencial de Sílvio situam-se nas chamadas faixas C, D e E, de preferência — as menos instruídas e as mais pobres. Para que votem em Sílvio, terão que assinalar na cédula o nome do ex-candidato Armando Correia ou o número dele. Os mesários não poderão orientar o voto.

Não poderão, na hora, ensinar o eleitor a votar. O eleitor alfabetizado não poderá escrever na cédula o nome de Sílvio Santos. O voto por escrito em nome de Sílvio será considerado nulo, segundo o ministro Francisco Rezek, presidente do Tribunal Superior Eleitoral. O animador de auditórios e seus aliados de ocasião não dispõem de uma razoável estrutura partidária no país que ensine e leve o eleitor a votar.

Collor de Mello, que é Collor de Mello, com todos os recursos financeiros à disposição dele, aliados por toda parte e uma modesta estrutura partidária — pois bem, Collor andava, ultimamente, preocupado com o número de votos que poderia perder no dia da eleição por falta de uma vasta rede de chefes políticos e de cabos eleitorais que o apoiassem, quanto mais Sílvio Santos que ainda não obteve, sequer, o registro da candidatura?

Sem um candidato que a motive, estrutura partidária alguma vale grande coisa. Está aí o exemplo oferecido pelo poderoso PMDB do deputado Ulysses Guimarães. O PMDB está organizado em quase todos

os mais de 4 mil municípios do país. É o maior partido em número de governadores, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos, vereadores e militantes. Ainda é o partido que detém o maior índice de aceitação dos eleitores.

O PMDB vai perder — e perder feio — a eleição presidencial. Seu candidato não conseguiu, sequer, ficar do mesmo tamanho do partido. O PMDB ainda faz a cabeça de 14% dos eleitores, segundo pesquisas recentes. Ulysses não consegue ultrapassar a marca dos 8% das intenções de voto. Sílvio Santos está certo quando diz que não promoverá comícios até o último dia de campanha e que não pretende imprimir material de propaganda.

Ele não precisa de nada disso para se tornar conhecido. Ele não tem montada uma máquina eleitoral que possa atuar com eficiência e rapidez para promover comícios e distribuir cartazes e adesivos. Sílvio considera que não precisa nem mesmo de um programa de governo para atrair votos — embora o dele possa vir a ser uma síntese dos programas do PFL e do PL de Afif Domingos. Já há gente trabalhando para operar essa síntese.

Mas Sílvio deveria contar com algum tipo de estrutura que orientasse o eleitor a votar, corretamente, nele. Perderá muitos votos por falta de uma. Se não passar para o segundo turno da eleição, a candidatura dele terá servido para desmoralizar ainda mais o processo político e para derrubar a candidatura de Collor de Mello. A candidatura de Sílvio é o troco que Sarney dá no candidato que mais o atinge com suas críticas.

Na pesquisa de Toledos & Associados, que a revista *Istoé* Senhor publicará na edição da próxima semana, Collor despenca e Leonel Brizola assume a liderança das intenções de voto. Na pesquisa estimulada por cartão, Brizola fica em primeiro lugar com 14,9% (tinha 15,5% na anterior) e Sílvio aparece em segundo com 13,9%. Luiz Inácio Lula da Silva vem em terceiro lugar com 13,8% (tinha 14,3%).

Collor cai para o quarto lugar com 13,6% (tinha 21,9%). Mário Covas ocupa o quinto lugar com 10,6% (tinha 11,4%). Collor perdeu, portanto, mais de 8 pontos percentuais depois que Sílvio anunciou que vem por aí. A eleição do sucessor de Sarney parece destinada a embolar no primeiro turno. Quatro candidatos poderão chegar com chances de vencer no dia 15 — e Collor poderá ficar de fora do segundo turno.